



**MEMÓRIA, CINEMA E CIDADE: PRÁTICAS SOCIAIS DO CINE CLUBE
TERESINENSE (1962 a 1987)**

Arlene Maria Ribeiro Silva¹
Milene de Cássia Silveira Gusmão²

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, em fase inicial, visa analisar, por meio das memórias coletivas, a relação entre cinema e a cidade de Teresina, observando a influência do Cine Clube Teresinense (CCT) na divulgação cultural e na formação de seus membros para apreciação e produção de filmes.

O Cine Clube Teresinense foi fundado pelo Pe. Moisés Fumegalliem 15 de setembro de 1962, em Teresina-PI, com sede no Colégio Diocesano São Francisco de Sales. Inicialmente, somente os alunos desse colégio tinham acesso ao CCT, porém, meses após a sua criação, as atividades foram estendidas à comunidade teresinense. Este clube de cinema se dedicou a promover ações de socialização e formação para o consumo e produção de cinema em Teresina, no período de 1962 a 1987.

O objetivo deste trabalho é observar percursos de memória em práticas e trajetórias de cinema dos agentes e das instituições envolvidas no CCT para a compreensão das dinâmicas de cinema em Teresina entre os anos 1960 e 1990. Para isto traçamos os seguintes objetivos específicos: analisar como se deu o processo de formação e consolidação desse clube de cinema organizado por padres do Colégio Diocesano; identificar as práticas sociais, educativas, políticas e culturais desenvolvidas neste espaço de troca de saberes; analisar setais práticas nas dinâmicas dos agentes e das instituições envolvidas no CCT contribuíram para a formação pelo cinema e para o cinema em Teresina.

Sendo assim, ao abordar as trajetórias das práticas sociais desenvolvidas no CCT, esta pesquisa também se propõe a analisar as relações de consumo dos bens simbólicos

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – PPGMLS UESB-Brasil. Endereço eletrônico arlene.silva@ifma.edu.br

2 Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Docente no Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e no Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Endereço eletrônico: mcsusmao@gmail.com



que se desenvolvem a partir das atividades do cineclube, observando a propagação, apreensão e conformação dos saberes.

PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Quanto ao percurso teórico-metodológico desta análise acionaremos a teoria simbólica de Pierre Bourdieu (1998), mobilizando a noção de *habitus*, campo e estruturas para, assim, pensar as memórias das trajetórias do Cine Clube Teresinense. Para tanto é importante pensar as posições dos agentes dentro do CCT e a estruturas das instituições que o compõem.

Tomando por base as sugestões metodológicas de Bourdieu (2009) é interessante analisar o objeto de estudo (neste caso o Cine Clube Teresinense) relacionando com o seu contexto, com as condições objetivas elaboradas a partir das interações entre agentes e as instituições. Para uma análise mais complexa e abrangente é preciso delinear o(s) campo(s) (aqui, o campo do cinema e da religião) que abarcam este objeto. Nesta pesquisa, será feita uma análise retrospectiva da organização das diferentes estruturas e agentes envolvidos no CCT para nos indicar as trajetórias (análise das mudanças de posições dos agentes dentro do campo) desse clube de cinema.

Faremos tal retrospectiva para entender quem são os agentes que compõem o CCT, suas posições hierárquicas, suas funções, seus interesses, e como as práticas sociais ali desenvolvidas contribuíram para a formação de seus membros. Em outras palavras, trataremos da formação do *habitus* e das práticas que particularizam a trajetória social deste grupo a partir dessas trajetórias.

Para a compreensão do campo cinematográfico teresinense e identificação dos *habitus* incorporados pelos frequentadores do CCT é interessante consultar os elementos desse cineclube separadamente para depois analisar as relações entre agentes e instituições. Assim, será lançado um olhar minucioso para os idealizadores e organizadores do CCT: Pe. Moisés Fumegalli e Pe. Carlos Bresciani. Além disso, foram entrevistados dois agentes do CCT que também produziam filmes: Joaquim Lopes Saraiva e José Wilson Alves de Oliveira. Estes também contribuíram para esta pesquisa cedendo fotos, cartazes, jornais, atas e estatuto do CCT, apostilas dos cursos e documentos que comprovam as premiações nos festivais dos quais participavam. Será necessário também recorrer aos jornais da época, em especial, *O Jornal O Dia*, o qual reserva uma coluna semanal para o CCT; assim



como fontes documentais da *Rádio Pioneira de Teresina*, a qual reserva, semanalmente, 1h30min para o CCT.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Por meio das primeiras análises das fontes e das entrevistas realizadas com dois agentes do CCT José Wilson Alves Oliveira e Joaquim Lopes Saraiva³, foi possível perceber que os filmes apreciados e analisados eram um pretexto para: a) a organização de um espaço educativo, de evangelização, lazer; b) o debate, a partir dos filmes, possibilitavam a sensibilidade dos participantes para a crítica cinematográfica; c) as produções cinematográficas amadoras possuíam um viés para engajamento social.

a) O CCT possibilitava um ambiente de educação, de evangelização, de socialização e de lazer:

José Wilson Alves de Oliveira que começou a frequentar o CCT em 1980. Em 1981, ele foi eleito presidente do CCT permanecendo na função até 1987. A sugestão do nome desse membro do CCT, segundo ele afirmou em entrevista para esta pesquisa, foi porque ele se destacava em todas as atividades que participavam no clube de cinema.

O entrevistado José Wilson (2017) fala com bastante entusiasmo do Cine Clube Teresinense, para ele, o cineclube era importante porque ajudou na sua formação como um todo. Além de as reflexões sobre problemas sociais, o CCT era uma opção de lazer para muitos jovens da época.

Tudo o que eu sou hoje eu devo ao CCT. Eu me tornei mais sério depois de frequentar o cine clube. Ele me deu uma base concreta. Aprendi muito com o Padre Carlos Brecianinas leituras que ele sugeria, nas conversas e nos passeios. Ele era muito rigoroso com o melhor para a formação humanista. Exigia respeito às pessoas. (...) As reuniões eram aos sábados e ninguém faltava. Nós éramos bem acolhidos; havia uma amizade entre os membros; era uma ocupação sadia; um lugar de aprendizagem também. Os aniversários dos membros do clube de cinema do Colégio Diocesano eram comemorados sempre.

³ Entrevista com José Wilson Alves Oliveira e Joaquim Lopes Saraiva concedida à autora dessa pesquisa, Parnaíba-PI, 19 de janeiro de 2017.



b) O debate a partir de os filmes possibilitava a sensibilidade dos participantes para a crítica cinematográfica:

A temática do cinema ganhava um espaço semana no Jornal “O Dia” com uma coluna especial para o CCT. Os integrantes do clube de cinema faziam críticas sobre filmes, divulgavam as ações solidárias do grupo, informavam sobre as mostras e cursos de cinema ofertados pelo CCT. Além disso, o CCT possuía um programa semanal de 30min na Rádio Pioneira, conforme depoimento do Pe. Carlos Bresciani à Revista Presença (1985):

As nossas primeiras grandes atividades foram sobretudo nos jornais. Naquela época, *O Dia* tinha uma coluna reservada ao Cine Clube. Depois passamos a atuar também na rádio. A *Rádio Pioneira* tinha na sua programação uma vez por semana, mais de meia hora para o CCT. Através deste programa lançamos muitos concursos de perguntas que eram respondidas depois nas colunas do CCT publicadas.

c) As produções cinematográficas amadoras possuíam um viés para engajamento social:

Filmes que abordavam problemas sociais eram a temática mais recorrente na produção dos grupos que participavam do Cine Clube Teresinense. Neste aspecto, fica clara a função social deste cineclube na vida das pessoas que o frequentavam. Os filmes eram selecionados pelos Padres. Além de discutirem questões sociais abordadas naquela produção, eram comuns ações solidárias. Uma dessas ações foi por ocasião de enchentes, comuns na Zona Norte de Teresina, os membros do clube de cinema foram distribuir cestas básicas. Em entrevista, José Wilson (2017) afirma que:

O artista, pela ânsia de criar, ele não enxerga limites, mas a formação humanista do Cine Clube Teresinense ajudou a ter limites, a organizar melhor o tempo, no crescimento espiritual, a ser pessoas mais solidárias. Porque além de estudar o cinema, nos fazíamos ações sociais e além disso discutíamos o porquê daquela ação, as causas e como evitá-las.

Em entrevista, Joaquim Lopes Saraiva (2017), diz que na cidade, havia outros clubes de cinema, porém o CCT possuía equipamentos de última geração. O Grupo JW Produções resolveu editar lá o documentário *A Fila*, de Joaquim Saraiva (1982). Por ter cenas eróticas, o Pe. Carlos Bresciani, diretor do CCT, proibiu a edição do curta-metragem e os produtores quase foram expulsos do clube de cinema. Às escondidas, os rapazes terminaram a edição



do filme e ganharam muitos prêmios em festivais de cinema.

CONCLUSÕES

Observamos o interesse das Ciências Sociais pela forma como os agentes e os grupos se organizavam e organizam-se em torno de estruturas científicas, religiosas, políticas e artísticas. Isso se dá porque a observação, por meio das memórias, das práticas de socialização do passado é importante para a compreensão das organizações dos diversos grupos que hoje compomos.

Produto da história, o *habitus* produz as práticas, individuais e coletivas, portanto, da história, conforme aos esquemas engendrados pela história; ele garante a presença ativa das experiências passadas que, depositadas em cada organismo sob a forma de esquemas de percepção, de pensamento e de ação, tendem, de forma mais segura que todas as regras formais e que rodas as normas explícitas, a garantir a conformidades das práticas e sua constância ao longo do tempo (BOURDIEU, 2009, p. 86).

Um trabalho que se volta para a observação das trajetórias das práticas e das experiências vivenciadas no Cine Clube Teresinense mostra sua importância para a constituição das memórias dos agentes desse espaço que via no cinema um meio para a reflexão sobre cultura e arte, mas também como espaço de educação e evangelização. Ou seja, pelos filmes, discussões e formações sobre o cinema eram socializadas.

Há muito a ser analisado ainda no decorrer desta pesquisa que ainda está em andamento. Porém, percebemos que entender que é importante analisar a maneira como as práticas sociais desenvolvidas no Cine Clube Teresinense. Tal espaço possibilitava a reflexão e formação pelo/para o cinema. Esta arte tem uma força simbólica e, em especial, nesse cineclube organizado por uma escola dirigida pela Igreja Católica em Teresina-PI, ele era visto também como meio de educar, moralizar por meio das práticas e saberes construídos pelas interações.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Cineclube; Igreja Católica.Teresina.



REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **O senso prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.

OLIVEIRA, José Wilson Alves. Trajetória no Cine Clube Teresinense – Parnaíba, PI. 19.01.2017. Entrevista a Arlene Silva.

SARAIVA, Joaquim Lopes. Trajetória no Cine Clube Teresinense – Parnaíba, PI. 19.01.2017. Entrevista a Arlene Silva.

REVISTA PRESENÇA. Teresina. Órgão da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí. Ano VII. Nº 14. Janeiro/junho. 1985.